Leitura
Nº 73 Ano 2022

Admirável mundo novo: leitura e letramento entre estudantes da UFF

Brave new world: reading and literacy among UFF students

Joaci Pereira Furtado
Universidade Federal Fluminense

Rosane Barbosa Marendino
Universidade Federal Fluminense

RESUMO
Apresentação preliminar de resultados parciais sobre as práticas culturais (especialmente leitura) de estudantes da Universidade Federal Fluminense. O artigo comenta esses resultados, convencido de que eles retratam mudanças importantes e definitivas nos hábitos do estudantado quanto à cultura (entendida em seu sentido estrito, sociológico, e amplo, antropológico). Na conclusão, tenta convocar a instituição a compreender esse novo mundo que adentra suas salas de aula.

PALAVRAS-CHAVE
Leitura; Letramento; Universidade.

Joaci Pereira Furtado
Doutor em História Social pela Universidade de São Paulo
Professor do Departamento de Ciência da Informação da Universidade Federal Fluminense
https://orcid.org/0000-0002-2711-701X

Rosane Barbosa Marendino
Doutora em Educação pela Universidade Federal Fluminense
Professora do Departamento de Fundamentos Pedagógicos da Universidade Federal Fluminense
https://orcid.org/0000-0002-9855-3011

Recebido em:
19/12/2021

Aceito em:
27/07/2022

MAI / AGO 2022
ISSN 2317-9945 (ON-LINE)
ISSN 0103-6858
P. 151-167

ABSTRACT
Preliminary presentation of partial results on the cultural practices (especially reading) of students at Universidade Federal Fluminense. The article comments on these results, convinced that they portray important and definitive changes in the student's habits regarding culture (understood in its strict, sociological, and broad, anthropological sense). In conclusion, he tries to summon the institution to understand this new world that enters its classrooms.

KEYWORDS
Reading; Literacy; University.

1. O que anda nas cabeças, anda nas bocas?

Com a pandemia de Covid-19, todo o sistema educacional do país foi posto em xeque, assim como no restante do mundo. As restrições sanitárias, adotadas no Brasil a partir de meados de março de 2020, forçaram todas as instituições de ensino a cerrarem as portas, enquanto buscavam soluções para prosseguir com suas atividades educativas. A virtualização

da aprendizagem – ou o "ensino remoto", conforme o termo que se tornou mais usual e tecnicamente correto –, apresentou-se como a principal, se não a única, forma de viabilizar o funcionamento das escolas, faculdades e universidade públicas e privadas. Não sem críticas bem fundamentadas à redução das atividades de ensino e aprendizagem aos recursos oferecidos pelas plataformas digitais desenhadas especialmente para esse fim.

Na Universidade Federal Fluminense, uma das maiores do Brasil, não foi diferente. Assim como também ela não deve ter sido a única a estimular sua comunidade a encontrar respostas para as questões que a calamidade pandêmica gerou e continua gerando – e certamente prosseguirá provocando ao longo dos próximos anos, dados os desdobramentos socioeconômicos, políticos, psicológicos e culturais que com certeza decorrerão dessa crise sanitária, quiçá com o risco de se sobrepor a outras pandemias ainda por vir.

A UFF se serviu de um edital para convidar seu corpo docente a apresentar projetos de pesquisa que, de algum modo, investigassem a situação da universidade diante desse quadro. Nós apresentamos um, com o objetivo de perscrutar o perfil socioeconômico e cultural do estudantado da graduação presencial da Universidade Federal Fluminense no contexto da pandemia de Covid-19, mas numa perspectiva que a excedesse. Interessava-nos, em especial, as práticas de letramento (leitura e seus suportes, frequência à rede de bibliotecas da UFF, distribuição do tempo para a leitura acadêmica e recreativa, obras preferidas ou mais lidas, tempo dedicado ao estudo extraclasse e o uso dos dispositivos eletrônicos) e de cultura (frequência a equipamentos culturais, colecionismo, atividades artesanais e/ou artísticas e práticas esportivas, uso recreativo de dispositivos eletrônicos). Essa iniciativa somou-se à outra, precedente, que em 2017 havia recolhido dados a respeito desses mesmos aspectos, variando apenas em detalhes no instrumento de coleta (FURTADO; GONÇALVES; MONTEIRO, 2019).

O conceito de "leitura de mundo", na concepção que Paulo Freire apresenta, foi uma fundamentação necessária e permeou o espírito da pesquisa desde a concepção do instrumento até as análises finais dos registros. Segundo Freire (1988), "a leitura do mundo precede a leitura da palavra". Com essa afirmação, o autor revela que o mundo que se movimenta para o sujeito em seu contexto é resultado da percepção de uma série de coisas, de objetos, de sinais, de atos, de pensamentos, de culturas cuja compreensão acontece por meio da relação com o concreto, com si mesmo e com seus pares.

Sendo assim, o instrumento criado para a pesquisa foi um formulário eletrônico contendo 93 perguntas ou listas de opções, todas objetivas, sobre os mais diversos aspectos da vida do/da estudante, naquilo que poderia interessar à UFF no planejamento de suas ações no delongado período de distanciamento físico determinado pelas autoridades sanitárias. Período cujo fim parece nebuloso, uma vez que o presente artigo está sendo escrito no momento mais agudo da pandemia no Brasil, quando a média diária de mortos atinge três mil pessoas, o total oficial de vítimas ultrapassa trezentas e cinquenta mil e a imunização avança lentamente, favorecendo a multiplicação de variantes do coronavírus.

MAI / AGO 2022
ISSN 2317-9945 (ON-LINE)
ISSN 0103-6858
P. 151-167

Além do planejamento imediato, entretanto, acreditamos que nossa pesquisa poderia contribuir para uma percepção mais precisa e complexa do estudantado uffiano, combatendo preconceitos ou parcialidades que empobrecem o entendimento de uma instituição extremamente complexa e de dimensões monumentais – e cuja relevância para o país é traduzida em números impressionantes, como aqueles da produção acadêmica e dos serviços prestados por essa que foi a universidade pública federal que mais cresceu, no século XXI.

Para estimular os/as alunos(as) a preencherem o formulário anônimo, recorremos, por meio de dois bolsistas do projeto, a campanhas em comunidades específicas no Facebook e a e-mails às coordenações de curso – que, por sua vez, remeteram o convite aos seus respectivos corpos discentes. Este último expediente foi decisivo para que alcançássemos margens estatisticamente seguras para a amostra que pretendíamos recolher. Assim, de 27 de agosto a 30 de novembro de 2020, 1.694 dos/das 40.599 estudantes matriculados(as) no ensino presencial da UFF preencheram o formulário eletrônico disponibilizado via Google. Desse contingente, 1.061 cursavam a área de Humanas (o que inclui artes e ciências sociais aplicadas), 454 estudavam na de Exatas (o que inclui as chamadas "ciências da terra") e 179 eram das Biológicas (o que inclui as ciências da saúde). A amostra atingiu 55,73% dos 76 cursos de graduação presencial oferecidos pela UFF. Obviamente, esse contingente é muito diverso, sobretudo no que diz respeito às práticas de leitura. Os resultados relativos a estas últimas não foram discriminados por área do conhecimento, de modo que eles dizem respeito ao conjunto de entrevistados(as), sem distinguir o campo de conhecimento – o que pretendemos fazer em outra oportunidade.

Em termos estatísticos, esses números significam 95% de confiabilidade da enquete, 2,33% de margem de erro e 4,17% do total de alunos(as) matriculados(as) na graduação presencial no primeiro semestre letivo de 2020 (que se efetivou, remotamente, no segundo semestre do calendário, conforme as deliberações da UFF). Além disso, os dados de 2020 podem ser comparados com os de 2017, igualmente disponíveis e parcialmente já divulgados. É no cruzamento potencialmente infinito desses dados, tanto das duas pesquisas quanto no interior de cada uma delas, que se chegará às percepções complexas e profundas a que nos referimos acima. Em outros termos, cruzando as respostas às várias perguntas, é possível precisar certos aspectos do perfil do estudantado e da vida universitária do corpo discente da UFF, talvez contribuindo para o delineamento do impacto da universidade pública na sociedade brasileira muito além dos números estritamente socioeconômicos. Acreditamos que nossas amostras – a de 2017 e a de 2020 – contenham revelações que somente a relação entre dados e a análise dela por especialistas possam trazer à luz. O objetivo do presente artigo é apresentar uma seleção dos resultados relativos especificamente às práticas culturais – e, dentro destas, as de leitura e de letramento.

2. Novos horizontes culturais?

Quando partimos para aquilo que conforma a vida subjetiva do estudantado

MAI / AGO 2022
ISSN 2317-9945 (ON-LINE)
ISSN 0103-6858
P. 151-167

uffiano, aqui compreendida como sua relação com o próprio corpo, com o lazer e com a cultura (no sentido antropológico e sociológico do termo), com os estudos propriamente e com o tempo dedicado às onipresentes telas digitais, somos tentados pelo pessimismo. Esperamos que ele não decorra de preconceito ou conservadorismo, sempre atribuindo "aos jovens de hoje" vícios ausentes num passado nostálgico a nos evidenciar a corrupção dos costumes – e particularmente da universidade, cuja "decadência" é tópica secular (PÉCORA, 2019)[1]. Esta não é mais reduto privativo da aristocracia ou da classe média tradicional (que também não é monolítica) e, portanto, dos valores que lhe são caros em termos do acúmulo do capital cultural que a distingue do assalariado ou pauperizado a povoar seus pesadelos – e a aproxima simbolicamente da elite socioeconômica que adoça seus sonhos. Muito pelo contrário, a universidade hoje é tudo, menos unitária, além de desprovida da centralidade, do poder e da riqueza que durante séculos ela representou. Nas duras palavras de José Joaquín Brenner, essa "instituição única" é

> [...] inconsistente, formada por múltiples comunidades, con fronteras borrosas y permeables, dispuesta a servir a la sociedad de manera casi servil al mismo tiempo que la critica a veces sin piedad; dedicada a la igualdad de oportunidades aunque internamente organisada como estructura de clases; con intereses internos dispersos, incluso contradictorios; sin un alma sino con varias (no sabiendo a veces cual salvar). Compuesta por numerosas partes y piezas que podían substraerse o adicionarse con escaso impacto sobre el todo, la multiversidad se asemejaría más a un mecanismo "unido por reglas administrativas y alimentado con dinero" que a uma unidad orgánica (BRENNER, 2014, p. 82)[2].

Se o corpo discente universitário já se configura diverso e tendencialmente mais pobre, em termos de renda, não conseguimos localizar pesquisas ou dados que perfilem o professorado das instituições públicas de ensino superior no Brasil. Localizamos um estudo sobre sua conformação étnico-racial contemporânea, mas não quanto à sua origem de classe. O artigo *Raça e gênero no corpo docente da Universidade Federal do Pampa*, de Cristiane Barbosa Soares e Fabiane Ferreira da Silva, salienta a "falta de dados gerais com o recorte de raça e gênero articulados" naquela uni-

1 "A compreensão da 'ideia de Universidade' como gênero, para Collini, é importante por dois motivos chaves. O primeiro é o de acentuar um traço comum marcante nesses discursos, que vem mesmo desde os tempos da sua fundação com Newman. Os autores que pensam a Universidade, mesmo quando têm posições frontalmente opostas – como aqueles que a querem fazendo pesquisa pura, sem vínculos com demandas externas, ou os que defendem a sua atuação associada à indústria ou ao progresso social –, acabam igualmente por entender o presente dela como um momento de declínio" (PÉCORA, 2019, n. p.).

2 "[...] inconsistente, formada por múltiplas comunidades, com fronteiras indistintas e permeáveis, disposta a servir à sociedade de maneira quase servil ao mesmo tempo que a critica às vezes sem piedade; dedicada à igualdade de oportunidades ainda que internamente organizada como estrutura de classes; com interesses internos dispersos, inclusive contraditórios; sem uma alma, senão com várias (não sabendo, às vezes, qual salvar). Composta por numerosas partes e peças que se poderiam subtrair ou adicionar com pouco impacto sobre o todo, a multiversidade se assemelharia mais a um mecanismo 'unido por regras administrativas e alimentado com dinheiro' que a uma unidade orgânica" (tradução nossa).

MAI / AGO 2022
ISSN 2317-9945 (ON-LINE)
ISSN 0103-6858
P. 151-167

versidade (SOARES; SILVA, 2019, p. 47)[3]. Mas as constatações das autoras não deixam dúvidas quanto a dois aspectos: o corpo docente universitário brasileiro permanece majoritariamente branco (84%) e masculino, ainda que a presença feminina esteja bem próxima do equilíbrio (45%) (SOARES; SILVA, 2019, p. 42-43). Talvez esse percentual seja um indicativo também do recorte de classe, com a massa do professorado universitário ainda sendo recrutada na classe média tradicional.

Esse detalhe não é banal, pois são docentes que, além de ensinar, dirigem as universidades públicas e seus órgãos de gestão e fomento – como MEC, CAPES, CNPq, FINEP e fundações estaduais de amparo à pesquisa. Ora, o viés de classe e étnico-racial não perpassaria as expectativas dos(as) professores(as) em relação aos/às alunos(as)? O modelo preponderante de universidade, no Brasil, não corresponde à visão de mundo da classe social que o concebe e gerencia?

Posta essa ponderação, passemos aos números.

Perguntamos aos/às estudantes da UFF sobre suas relações com o esporte antes da pandemia. A prática esportiva ou de atividade física regular (48,20%) e o sedentarismo (51,80%) quase dividem ao meio a população estudantil da universidade, com discreta vantagem para o grupo dos(as) sedentários(as). Em relação ao total da população estudantil entrevistada por esta pesquisa, contudo, o percentual mais elevado entre as atividades físicas ou esportivas coube a duas modalidades que não requerem, necessariamente, colaboração com outras pessoas: musculação (15,82%) e caminhada (15,58%). Em terceiro lugar, com menos da metade do segundo, outra prática que pode ser coletiva, mas também individual ou solitária: corrida de rua (7,26%). O futebol, supostamente tão popular no Brasil, ficou em sétimo lugar (2,83%), abaixo de modalidades não necessariamente coletivas: yoga (4,90%) e natação (3,48%).

No que diz respeito ao trabalho lúdico com as mãos, a grande maioria do estudantado desta universidade não desenvolve nenhuma atividade manual criativa e não comercial: 73,8%. Estudantes da UFF que tocam algum instrumento musical são pouco mais de ¼ de sua população: 27,6%. Com longa tradição na cultura brasileira, o violão é, entre os(as) que sabem tocar algum instrumento, o mais popular (14,29%), com pouco mais que o dobro de vantagem em relação ao segundo colocado: o teclado (6,08%). Entretanto, nem que seja "de vez em quando" (30,3%, entre os/as que responderam), 89% dos(as) alunos(as) da graduação presencial da UFF cozinham. Note-se, porém, o percentual expressivo dos(as) que se dedicam a esse prazer ou tarefa doméstica mais de três vezes por semana: quase 47%.

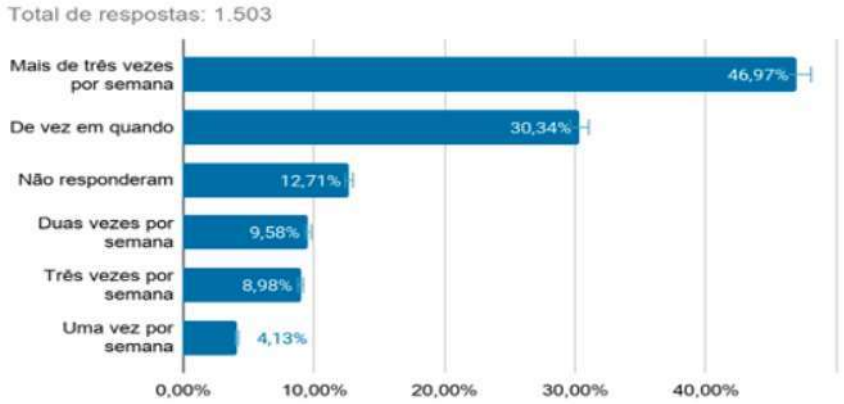
Cozinhar, tocar instrumentos musicais ou produzir artesanato sem

3 E as autoras do artigo acrescentam: "Esses dados da Unipampa corroboram com o Censo da Educação Superior (INEP, 2017), o qual mostra que as mulheres ocupam aproximadamente 45% das vagas docentes nas universidades brasileiras. Entretanto, destas, apenas 5,4% são ocupadas por professoras negras. Em relação à presença masculina, o mesmo quadro é representado por um total de 54% de homens, onde apenas 4,6% são professores negros. Analisando tais dados numa perspectiva parcial, sem considerar a intersecção dos marcadores de gênero e raça, podemos considerar que existe um equilíbrio entre homens e mulheres no quadro de docentes, contudo ao lançarmos mão de tal perspectiva percebemos que o equilíbrio existente em gênero mascara a desigualdade racial presente no contexto da docência no ensino superior" (SOARES; SILVA, 2019, p. 42).

MAI / AGO 2022
ISSN 2317-9945 (ON-LINE)
ISSN 0103-6858
P. 151-167

fins comerciais são atividades culturais sem relação aparente com a leitura. Entretanto, é importante observar a presença delas em relação, por exemplo, à leitura recreativa: lê-se espontaneamente menos do que se cozinha. Mas lê-se mais do que se toca música ou dedica-se ao artesanato. Tanto este último quanto a música podem ser formas criativas e lúdicas de lidar com o mundo e com o próprio corpo, já que este é diretamente envolvido nelas – ao contrário da leitura, tida e havida como algo essencialmente intelectual, frequentemente dissociado do corpo, este mesmo que pouco mais da metade do alunado da UFF não exercita em nenhuma atividade física. Deixamos essa questão apenas indicada aqui, na esperança de desenvolvê-la em outro artigo.

Gráfico 1: número de vezes que o(a) estudante cozinha por semana



Fonte: pesquisa dos(as) autores(as). Gráfico elaborado por Luiz Cláudio Barros Raposo.

Indagamos também sobre o aprendizado de línguas. Com presumíveis consequências em termos profissionais, de acesso ao conhecimento e de integração à comunidade científica internacional, é alto o percentual de graduandos(as) da UFF que não estudam algum idioma estrangeiro: 57,8%. Porém, dos(as) 976 alunos(as) que declararam não aprender nenhuma língua, 93,8% disseram que pretendem fazê-lo. Entre os(as) alunos(as) que estudam algum idioma, além da esperada prevalência do inglês (48%), destaca-se o empate técnico entre o espanhol (15%) e o francês (14,5%). Em quarto lugar, figura o alemão (6,8%).

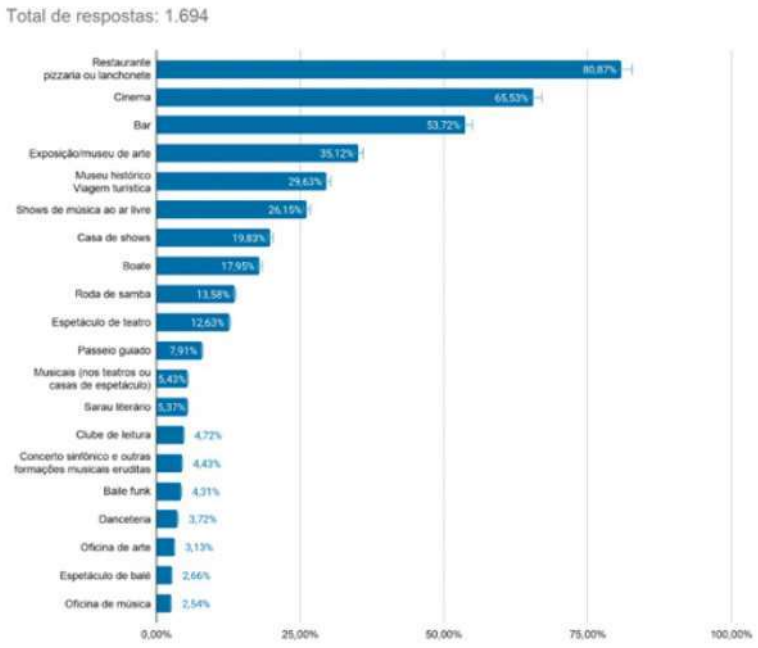
Colecionar algo pode ser uma forma lúdica de aprendizado ou conhecimento. Com a coleção, inevitavelmente adquire-se certa erudição sobre o objeto colecionado. Embora mais que os(as) musicistas, contudo, os(as) colecionadores(as) também são relativamente poucos(as), entre o estudantado da UFF: 37,54%. A coleção mais frequente, como é de se esperar de estudantes universitários(as), é a de livros (18,77%), seguida de diferentes objetos que a lista fechada da pesquisa não captou ("outro", 11,16%). Em terceiro lugar aparecem as canecas (5,49%).

Procuramos saber também se nos últimos três meses da pandemia o(a) estudante frequentou alguma atividade ou evento cultural, dentro de uma lista fechada (na qual o/a aluno/a poderia assinalar quantas desejasse). Nosso formulário unificou em uma opção os restaurantes, lanchonetes e pizzarias, cuja frequência, ao menos no pré-pandemia, foi de 80,87% entre

MAI / AGO 2022
ISSN 2317-9945 (ON-LINE)
ISSN 0103-6858
P. 151-167

os(as) estudantes da UFF. Consideramos, antropologicamente, que esses espaços também são lugares de cultura. No sentido sociológico, o equipamento cultural mais frequentado foi o cinema (65,53%). Em seguida, retornando ao parâmetro antropológico, vêm os bares (53,72%). As exposições e museus de arte aparecem em quarta colocação, com 35,12%. Em quinta, empatados com percentuais idênticos, os museus históricos e as viagens turísticas (29,63%). Em sexta, os shows de música ao ar livre (26,15%). Isso para ficarmos nas mais recorrentes. De qualquer modo, o gráfico permite ver a pulverização das práticas e dos espaços de lazer e cultura, ampliando o leque antes muito restrito e caro à classe média intelectualizada – como o cinema: entre os(as) estudantes da UFF, das mais tradicionais é a predileta, certamente favorecida pela meia-entrada, pela segurança e pela comodidade, uma vez que, no Brasil, a esmagadora maioria das salas está confinada em shoppings, com programação hegemonizada pela indústria cinematográfica norte-americana.[4] Observe-se a reduzida frequência aos tradicionais espetáculos de teatro (12,63%), música erudita (4,43%) e balé (2,66%).

Gráfico 2: atividades e espaços culturais mais frequentados



Fonte: pesquisa dos(as) autores(as). Gráfico elaborado por Luiz Cláudio Barros Raposo.

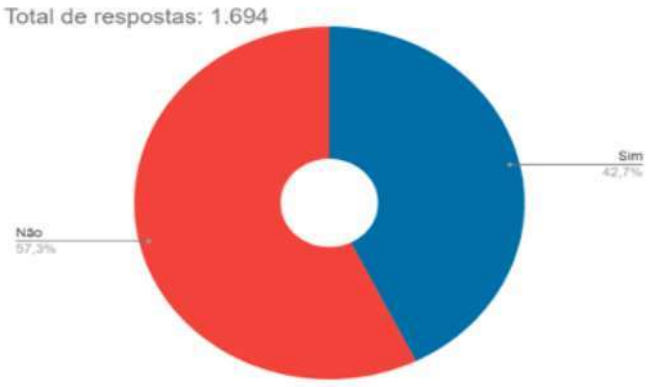
4 Conforme documento da Ancine (2018, p. 6), a série histórica indica crescimento médio anual de 4,7% do público de cinema no Brasil, de 2013 a 2017, embora abaixo de países como China (29,2%) e Rússia (8,3%). Ainda segundo a mesma publicação, 89,3% das salas estavam alocadas em shoppings centers, em 2017, num crescimento de 43,8% desde 2011, enquanto no mesmo período os cinemas "de rua" encolheram 2% (ANCINE, 2018, p. 10). A edição anterior do documento diz que "o Cinemark somou o maior público em 2016 com 45,58 milhões de espectadores (24,9% do total) e a maior renda, correspondente a R$ 757,1 milhões (29,1%), obtendo, assim, aproximadamente o dobro de público e de renda do segundo colocado, o circuito exibidor Cinépolis, que obteve 23,18 milhões de espectadores (12,6%) e a renda de R$ 362 milhões (13,9%). Em terceira posição vem o circuito exibidor Kinoplex, com 16,26 milhões de espectadores (8,9%) e R$ 245,4 milhões de renda (9,4%)" (ANCINE, 2017, p. 11). Juntos, apenas esses três circuitos concentraram 46,9% do mercado de exibição em 2017.

MAI / AGO 2022
ISSN 2317-9945 (ON-LINE)
ISSN 0103-6858
P. 151-167

3. Ler e estudar

No formulário eletrônico perguntamos: "Você leu um ou mais livros FÍSICOS das bibliografias das disciplinas do seu curso durante o último semestre letivo antes da pandemia de Covid-19? (Desconsidere xérox ou PDFs impressos)". O objetivo desta pergunta é investigar a presença do livro impresso nas práticas de leitura da bibliografia acadêmica dos(as) estudantes da UFF. O resultado indica que 57,30% do estudantado não lê mais nesse suporte, conforme foi reforçado nas respostas à outra questão desta pesquisa: "Você leu um ou mais livros FÍSICOS não técnicos, que escolheu espontaneamente, para seu lazer ou diversão, nos últimos trinta dias?". Aqui nos interessa a leitura recreativa em livros impressos. Em relação à leitura acadêmica, a tendência neste particular é inversa: para lazer ou diversão, o(a) estudante da UFF prefere o "livro de papel" (65,4%). Essa constatação pode indicar uma relação menos descartável – ou mais afetiva – com a leitura por prazer. Talvez, por isso, a adesão e os percentuais da lista de obras literárias sejam superiores aos da de ensaio e ciência, como se verá a seguir. No que diz respeito à leitura de um ou mais livros físicos das bibliografias das disciplinas durante o último semestre letivo antes da pandemia de Covid-19, desconsiderando xérox e PDFs, o resultado foi este:

Gráfico 3: leitura da bibliografia das disciplinas em suportes impressos



Fonte: pesquisa dos(as) autores(as). Gráfico elaborado por Luiz Cláudio Barros Raposo.

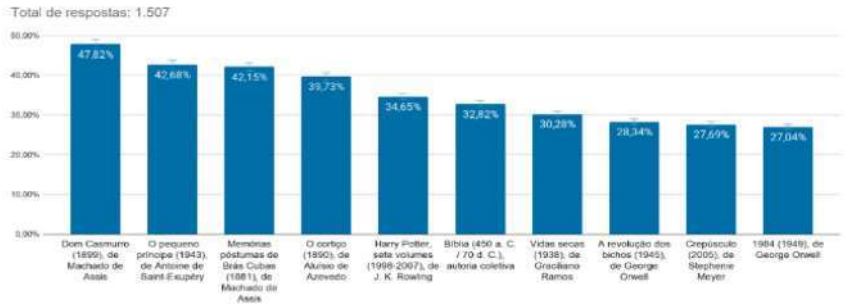
O objetivo dessa pergunta é investigar a presença do livro impresso nas práticas de leitura da bibliografia acadêmica dos(as) estudantes da UFF. O resultado indica que quase 58% do estudantado não lê livros nesse suporte.

Ao contrário do levantamento de 2017, quando pedimos aos/às estudantes que escrevessem o(s) título(s) da(s) obra(s) que leram espontaneamente nos últimos três meses, no de 2020 apresentamos duas listas fechadas que somam quase duzentos itens. Nos gráficos abaixo elencamos as dez leituras literárias e acadêmico-científicas mais assinaladas, respectivamente, em literatura e em ensaio. Cabe ponderar, mais uma vez, que o levantamento diz respeito ao conjunto dos(as) entrevistados(as), sem discriminá-los(as) por área do conhecimento – o que certamente tem seu peso. Entretanto, vale ressaltar que ambas as listas dizem respeito a "clássicos" tanto da literatura quanto do ensaio (inclusive das Exatas e das Biológicas)

MAI / AGO 2022
ISSN 2317-9945 (ON-LINE)
ISSN 0103-6858
P. 151-167

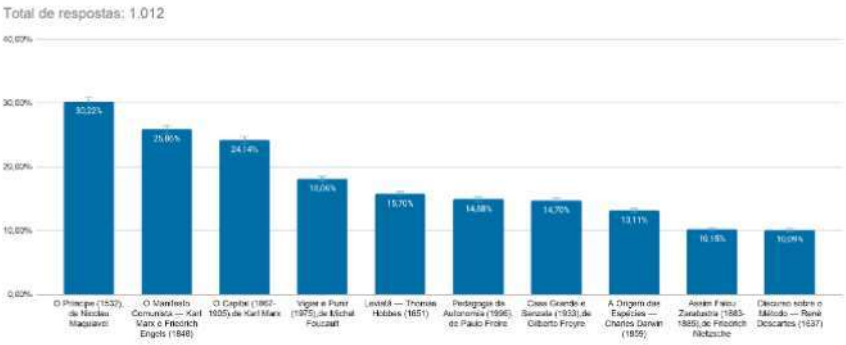
e independem da bibliografia obrigatória das graduações, mas que se supõe relevante para elas. Oportunamente procederemos a um recorte por área. Porém, esses números gerais serão válidos ao menos para testar a familiaridade desse conjunto de estudantes com o cânon das ciências e da literatura que – acreditamos – poderiam transcender as leituras obrigatórias dos programas das disciplinas:

Gráfico 4: os dez livros de literatura mais assinalados



Fonte: pesquisa dos(as) autores(as). Gráfico elaborado por Luiz Cláudio Barros Raposo.

Gráfico 5: os dez livros de ensaio ou ciência mais assinalados



Fonte: pesquisa dos(as) autores(as). Gráfico elaborado por Luiz Cláudio Barros Raposo.

Um contraste se revela de imediato: o índice de adesão à lista de leituras literárias é sensivelmente maior que ao da segunda lista. Nesta última, 682 dos 1.694 entrevistados(as) não assinalaram nenhum título, enquanto na primeira apenas 187 se recusaram a fazê-lo. É certo que em ambas paira a obrigatoriedade escolar. Elas pretendiam investigar o grau de familiaridade dos(as) estudantes da UFF com clássicos das diversas áreas do conhecimento e da literatura, propositadamente mesclados a alguns *hits* da indústria cultural, e que com certeza assomaram em algum momento da vida escolar dessas pessoas. Porém, chama a atenção, no caso da literatura, o canônico *Dom Casmurro* (47,82%) seguido de perto por *O pequeno príncipe* (42,68%). Entre as obras de ciência e ensaio nenhuma alcançou os percentuais das campeãs da primeira lista. O *príncipe*, de Nicolau Maquiavel, o livro mais votado nessa categoria, atingiu 30,22%. O segundo colocado, O *manifesto comunista*, de Karl Marx e Friedrich Engels, tem um percentual menor que o do último colocado na lista de literatura: o romance distópico 1984, de George Orwell (27,04%). Entre os(as) estudantes da UFF lê-se mais *Crepúsculo*,

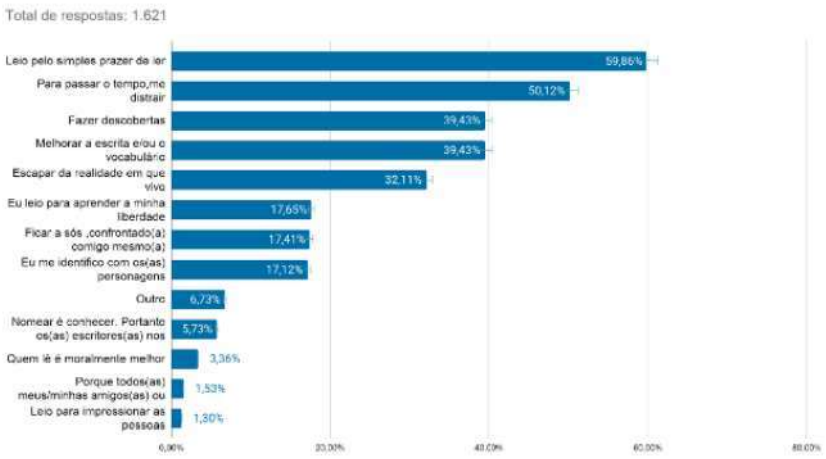
MAI / AGO 2022
ISSN 2317-9945 (ON-LINE)
ISSN 0103-6858
P. 151-167

de Stephanie Meyer (27,69%), do que *O capital*, de Marx (24,14%) – e nessa constatação não há nenhum juízo de valor. Seja como for, inclusive por uma questão de espaço, não pretendemos esgotar aqui as reflexões que os dois gráficos podem suscitar sobre o universo de leitura dos(as) uffianos(as). Não nos faltarão ocasiões para retornarmos ao exame detido dele, entretanto. Cabe registrar, porém, que no levantamento de 2017 mapeamos as leituras preferidas dos(as) graduandos(as) da UFF e chegamos à seguinte conclusão quanto a esse universo:

> A persistência da aventura e da "fantasia", entre suas preferências de leitura recreativa, insinua que há o (mais que salutar) desejo de evasão, entretanto confinado num imaginário infantil, como se o desejo de transformar, escapar ou mudar fosse exclusividade da criança – e não pudesse crescer com ela. Mais acima escrevemos que a "condição de sobrevivência" da universidade está em sua capacidade de intervir afetivamente – no sentido que a filosofia atribui a "afeto". Pois esse afetar passa necessariamente pela capacidade de imaginar, de pensar o impossível, de inventar outras formas de vida. Capacidade que, no presente caso, parece domesticada como inofensivo devaneio infantil ou adestrada para habitar com alguma cor o cinzento de uma vida administrada. (FURTADO & IGREJA, 2020, p. 68).

Apresentamos aos/às entrevistados(as) uma lista fechada de motivos – que incluía "outro" – para ler espontaneamente, sem as pressões acadêmicas. O resultado é encabeçado por "Leio pelo simples prazer de ler" (59,86%), o que denota relação descompromissada, não pragmática com algo que deve ser mesmo presidido pelo prazer (PENNAC, 1993, p. 43). O segundo motivo é igualmente desvinculado de fim ou utilidade ("Para passar o tempo, me distrair", 50,12%). Nesta questão era possível assinalar até três opções:

Gráfico 6: motivos para ler espontaneamente



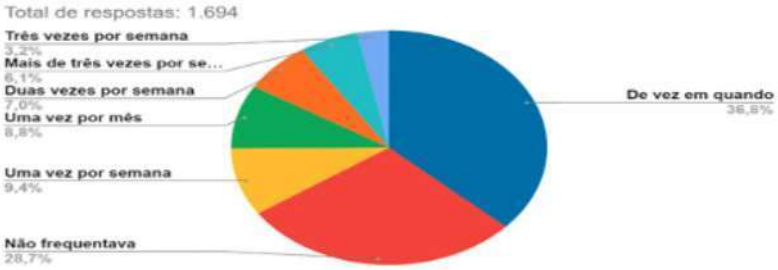
Fonte: pesquisa dos(as) autores(as). Gráfico elaborado por Luiz Cláudio Barros Raposo.

E no espaço presencial da universidade? Qual a relação do estudantado da Universidade Federal Fluminense com aquele que, ao menos em tese, é o lugar primordial da leitura? A frequência às unidades da rede de bibliotecas da UFF, até a chegada da pandemia de Covid-19, era baixa: 28,70% simplesmente não as frequentavam, enquanto 36,80% as visitavam "de vez em

MAI / AGO 2022
ISSN 2317-9945 (ON-LINE)
ISSN 0103-6858
P. 151-167

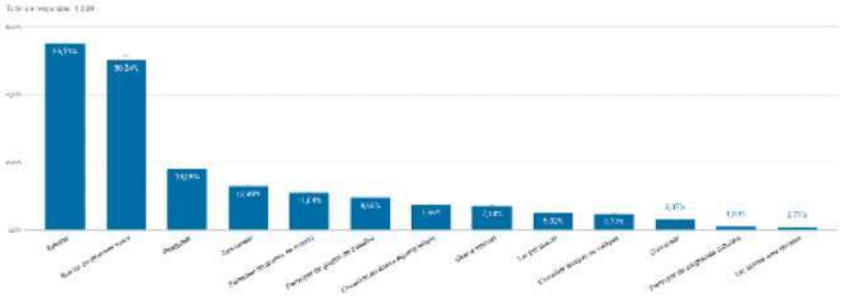
quando". A soma desses dois grupos – que são os maiores – totaliza 65,50%. No gráfico seguinte, os motivos para a frequência sugerem que a biblioteca é percebida pelos(as) estudantes sobretudo como espaço físico de estudo (55,19%) e depósito de livros (50,24%). Em terceiro lugar, e em enorme distância em relação ao segundo, "pesquisar" (18,06%).

Gráfico 7: frequência dos(as) estudantes à rede de bibliotecas da UFF



Fonte: pesquisa dos(as) autores(as). Gráfico elaborado por Luiz Cláudio Barros Raposo.

Gráfico 8: motivos para frequentar a rede de bibliotecas da UFF



Fonte: pesquisa dos(as) autores(as). Gráfico elaborado por Luiz Cláudio Barros Raposo.

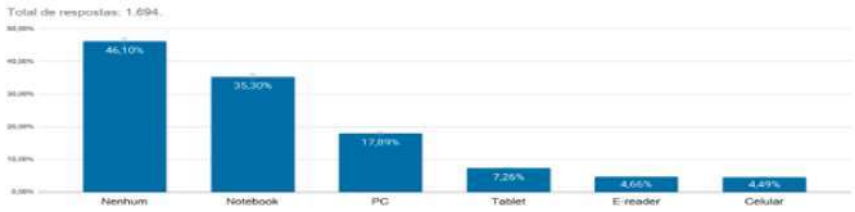
Numa primeira visada, os dois gráficos sugerem o esvaziamento da biblioteca no âmbito da universidade. Primeiramente, é baixo o percentual de seus/suas frequentadores(as) mais assíduos(as): 35,50%, divididos entre os/as que as visitam regularmente desde uma vez por mês (8,80%) até mais de três vezes por semana (3,20%). Em segundo lugar, mas não menos importante, e como vimos, poucos(as) percebem a biblioteca como lugar de "pesquisa", de exploração, de investigação. "Perder-se" nela para "Encontrar, ao acaso, uma leitura" é prática à qual apenas 7,56% dos(as) entrevistados(as) dizem se entregar. O simples prazer de ler preside somente 5,02% de seus/suas frequentadores(as), ainda que ele seja o principal motivo da leitura espontânea (gráfico 7). Uma explicação para esses números deve estar no gráfico 3, segundo o qual 57,3% dos(as) alunos(as) declararam não ter lido livros da bibliografia de seus cursos em suportes impressos no último semestre antes da pandemia.

De fato, a virtualização da leitura encontra a infraestrutura necessária para se consolidar entre os(as) estudantes da UFF, pois eles/elas estão equipados(as) com o essencial para atender às demandas de hipercomunicação do mundo contemporâneo: 97,46% têm celular e 94,51%, wi-fi. Notebooks

MAI / AGO 2022
ISSN 2317-9945 (ON-LINE)
ISSN 0103-6858
P. 151-167

são acessíveis a 80,34% deles/delas. Já banda larga apresenta uma incidência menor, ainda que acima da metade: 60,92%. Por outro lado, o compartilhamento de aparelhos de comunicação, escrita e leitura é maior entre os equipamentos menos portáteis, como o notebook (35,3%) e o *personal computer* (PC, 17,89%). A prática do compartilhamento é relativamente baixa:

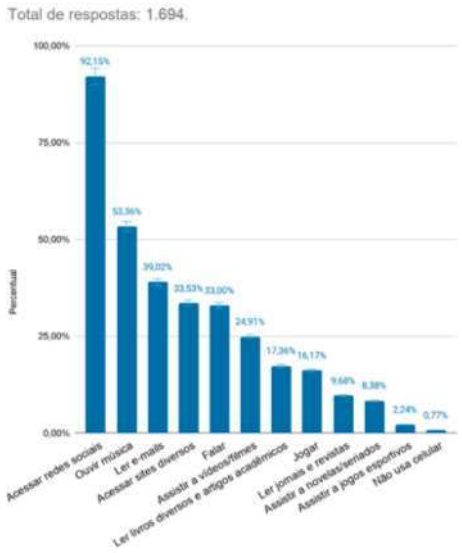
Gráfico 9: compartilhamento de suportes eletrônicos



Fonte: pesquisa dos(as) autores(as). Gráfico elaborado por Luiz Cláudio Barros Raposo.

O celular é usado principalmente para acessar as redes sociais (92,15%) – já que a quase totalidade (98,20%) dos(as) estudantes está inscrita em alguma. Repare-se a distância em relação à segunda funcionalidade (aliás, recreativa) mais requerida: ouvir música (53,36%). A terceira é ler e-mails (33,53%). Somente em sétimo surge uma atividade estritamente acadêmica: "Ler livros diversos e artigos acadêmicos" (17,36%).

Gráfico 10: usos do celular



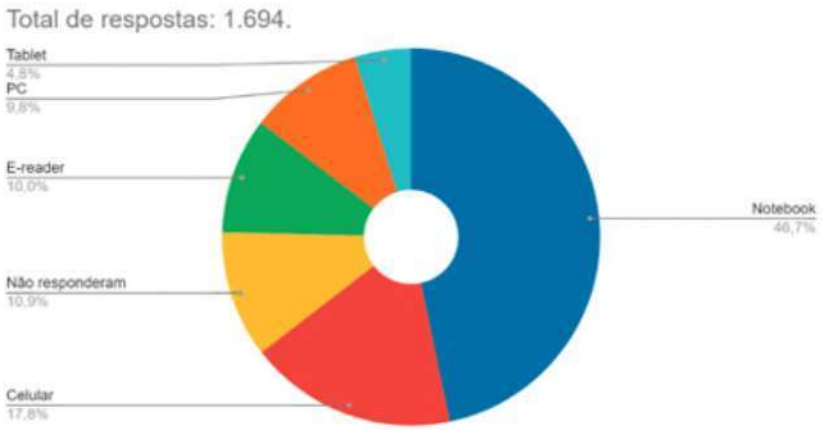
Fonte: pesquisa dos(as) autores(as). Gráfico elaborado por Luiz Cláudio Barros Raposo.

A leitura acadêmica em suportes digitais, entretanto, está presente na esmagadora maioria das práticas de letramento dos(as) estudantes da UFF: 89,30% leem as bibliografias de seus cursos (artigos ou livros) em telas eletrônicas, sendo preferenciais as dos notebooks, conforme o próximo gráfico. Note-se, em segundo lugar, a importância do celular como suporte da leitura acadêmica: 17,80%, apesar da folgada distância do primeiro colocado, o notebook (46,7%). PCs ou notebooks são usados sobretudo para ler e-mails (56,14%), acessar sites diversos (47,58%) e trabalhar remotamente (38,43%) – neste último caso, num reflexo evidente das medidas de distanciamento

MAI / AGO 2022
ISSN 2317-9945 (ON-LINE)
ISSN 0103-6858
P. 151-167

físico impostas pela pandemia de Covid-19. As restrições sanitárias devem justificar também, junto a outros fatores, os 34% que usam o PC ou notebook para "assistir a vídeos, filmes ou *lives*".

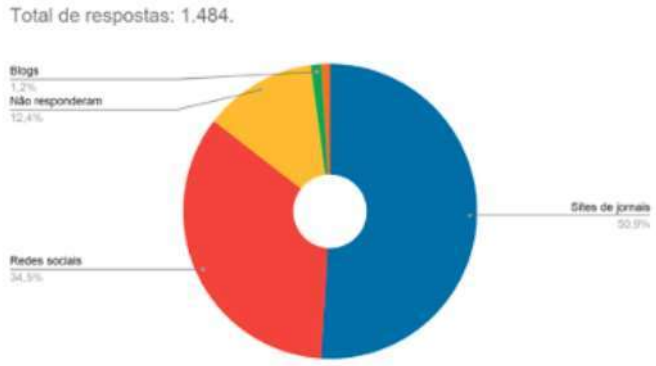
Gráfico 11: suporte digital preferencial para a leitura acadêmica



Fonte: pesquisa dos(as) autores(as). Gráfico elaborado por Luiz Cláudio Barros Raposo.

Não por acaso, segundo outro ponto investigado por nossa pesquisa, 83,2% se servem da internet como meio para se informar (no sentido de acessar notícias), 14,20% se informam pela televisão e 1,50% não se informa. Essa centralidade da internet como veículo de canais de informação, desbancando os tradicionais rádio e televisão, elege, como fontes preferenciais, os sites de jornais (50,9%) seguidos, com significativa distância e percentual expressivo, das redes sociais (34,5%).

Gráfico 12: fontes preferenciais de informação na internet

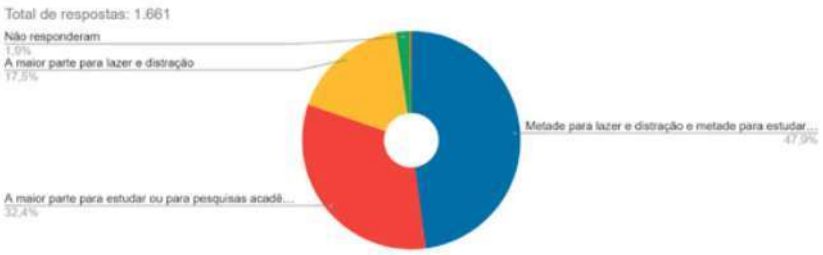


Fonte: pesquisa dos(as) autores(as). Gráfico elaborado por Luiz Cláudio Barros Raposo.

Em nossa pesquisa, investigamos também a distribuição ou emprego do tempo diante das telas: elas merecem mais de quatro horas por dia, reservadas por 51,9% dos(as) graduandos(as), enquanto outros(as) 12% lhe dedicam de três a quatro horas diárias. Desse tempo, 47,9% dos(as) estudantes dividem metade para lazer e distração e metade para atividades acadêmicas:

MAI / AGO 2022
ISSN 2317-9945 (ON-LINE)
ISSN 0103-6858
P. 151-167

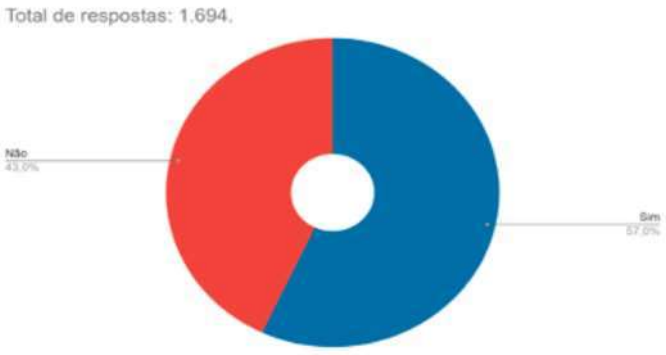
Gráfico 13: distribuição do tempo de navegação na internet



Fonte: pesquisa dos(as) autores(as). Gráfico elaborado por Luiz Cláudio Barros Raposo.

Se o suporte preferencial é o digital, quanto do tempo que se passa diante de telas é dedicado aos estudos extraclasse? A maioria dos(as) graduandos(as) da UFF (53,9%) emprega de uma a três horas diárias nessa atividade. O contingente que mais reserva tempo aos estudos fora da sala de aula – isto é, mais de quatro horas por dia –, é de 18,1%. Alunos(as) que dedicam menos de uma hora ou nenhuma somam 13,1%. Ainda no que diz respeito aos estudos extraclasse, é notável o contingente de graduandos(as) que busca leituras acadêmicas além da bibliografia das disciplinas: 61,3%. O percentual dos(as) que se contentam com o que lhes é passado pelo(a) docente, entretanto, é expressivo: 38,7%. Quando lhes foi perguntado "Você costuma procurar seu/sua professor(a) além das aulas para pedir bibliografia extra ou aprofundar o que você viu em classe? (A pergunta vale mesmo para situações de ensino remoto ou virtual)", constatamos que 71,3% dos(as) estudantes entrevistados(as) não procuram seus/suas professores(as) para aprofundar o que foi discutido ou exposto na sala de aula. Indício de distanciamento hierárquico e/ou geracional? Pouca ou nenhuma disponibilidade de tempo, tanto da parte do(a) aluno(a) quanto do(a) professor(a)? Dificuldade de comunicação? A baixa demanda extraclasse pela orientação do(a) professor(a) talvez ajude a explicar a razão pela qual 57% dos graduandos(as) presenciais da UFF se reúnem regular e espontaneamente para estudar. Mas é inquietante ver notáveis 43% solitariamente inertes, quanto a esse particular:

Gráfico 14: percentual de alunos(as) que estudam em grupo, extraclasse



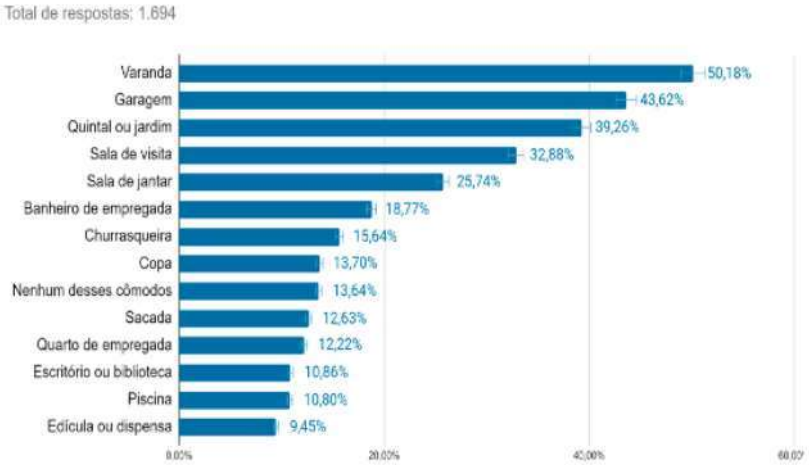
Fonte: pesquisa dos(as) autores(as). Gráfico elaborado por Luiz Cláudio Barros Raposo.

Nossa pesquisa verificou que o mesmo lugar onde se dorme é onde se

MAI / AGO 2022
ISSN 2317-9945 (ON-LINE)
ISSN 0103-6858
P. 151-167

estuda. A afirmação vale para 72,4% dos(as) alunos(as) da UFF – o que permite investigar as dimensões e o uso da espacialidade de suas moradas, agora na relação com os estudos, pois levantamos também a conformação delas (número e natureza funcional dos cômodos):

Gráfico 15: cômodos ou espaços que a casa do(a) estudante possui



Fonte: pesquisa dos(as) autores(as). Gráfico elaborado por Luiz Cláudio Barros Raposo.

A maior parte dos(as) alunos(as) da UFF não divide o dormitório: 55,7%. Não se despreze, entretanto, o expressivo contingente que não dorme sozinho – 44,3%, o que deve influir fortemente no arranjo do espaço para os estudos em casa. É importante reparar o índice diminuto de imóveis dotados com espaço exclusivo para estudar: apenas 10,86% deles contam com escritório ou biblioteca.

4. Quase conclusão

A frieza aparentemente objetiva dos números pode ensejar a arrogância da certeza. Por isso, nosso empenho aqui foi mais divulgar o levantamento do que propriamente examiná-lo, ainda que não nos furtemos a algumas conclusões. Uma delas é a de que a centralidade do livro impresso e da biblioteca na vida universitária, se existiu em algum momento, perdeu-se para sempre. Os números são eloquentes, tanto no que diz respeito à (baixa) frequência à rede de bibliotecas da UFF – que nem 20% do estudantado percebem como lugar de pesquisa – quanto à onipresença das diversas telas digitais e da internet na vida dos(as) estudantes dessa universidade. Mas ainda resta perceber o impacto da virtualização no letramento universitário, para sempre divorciado do ideal humboldtiano de universidade – "aquella que se precia de ser expreción de un Estado cultural (*Kulturstaat*) por medio del libre cultivo de la formación (*Bildung*) y la investigación[5]" (BRENNER, 2014, p. 79). A condição de sobrevivência da universidade, especialmente a pública, passa por compreender as radicais e aceleradas mudanças pelas quais,

MAI / AGO 2022
ISSN 2317-9945 (ON-LINE)
ISSN 0103-6858
P. 151-167

5 "aquela que se orgulha de ser um Estado cultural (*Kulturstaat*) por meio do livre cultivo da formação (*Bildung*) e da pesquisa" (tradução nossa).

nos últimos cinquenta anos, vêm passando sua clientela, confrontando o que antes parecia tão sólido e consagrado – uma vez que as universidades "han visto esfumarse su prestigio tradicional bajo la marca de la masificación y, con su progresiva desvinculación de las redes del poder, la riqueza y la influencia"[6] (BRENNER, 2014, p. 79). Ler mais *O pequeno príncipe* do que *O príncipe* certamente está nos dizendo algo de muito sério a respeito. Resta saber se a instituição está mesmo interessada em entender o quê.

Referências

BRASIL. Agência Nacional do Cinema. **Anuário estatístico do cinema brasileiro 2017**. Brasília, Ancine, 2018.

BRASIL. Agência Nacional do Cinema. **Anuário estatístico do cinema brasileiro 2016.** Brasília, Ancine, 2017.

BRENNER R., José Joanquín. Novos desafios para o ensino superior no século XXI. In: SCHWARTZMAN, Simon (Org.). **A educação superior na América Latina e os desafios do século XXI.** Campinas, Editora da Unicamp, 2014, p. 67-88.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. São Paulo, Autores Associados, 1989.

FURTADO, Joaci Pereira & IGREJA, Paula Ribeiro da. Que anda na cabeça, anda nas bocas: leituras de estudantes da Universidade Federal Fluminense. **ConCI: Convergências em Ciência da Informação**, Aracaju, v. 3, n. 1, p. 42-70, jan./abr. 2020.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. 20. ed. São Paulo, Paz e Terra, 2001.

FREIRE, Paulo. **Política e educação:** ensaios. São Paulo, Cortez, 1997.

FURTADO, Joaci Pereira; GONÇALVES, Kelly Cristina Mota; MONTEIRO, Erick da Silva. A leitura no intervalo: Práticas culturais e leitura entre estudantes de arquivologia e biblioteconomia da Universidade Federal Fluminense. **VII Seminário FESPSP - "Juventude, trabalho e profissão: desafios para o futuro no tempo presente".** São Paulo, Fundação Escola de Sociologia e Política, 2019.

PÉCORA, Alcir. A crise e as crises da universidade pública. **A terra é redonda.** 2019. Disponível em < a crise da universidade pública (aterraeredonda.com.br)>. Acesso em 12 abr. 2021.

PENNAC, Daniel. **Como um romance**. Trad. Leny Werneck. Rio de Janeiro,

MAI / AGO 2022
ISSN 2317-9945 (ON-LINE)
ISSN 0103-6858
P. 151-167

6 "viram seu prestígio tradicional desaparecer sob a marca da massificação e, com seu progressivo desengajamento das redes de poder, a riqueza e a influência" (tradução nossa).

Rocco, 1993.

SOARES, Cristiana Barbosa & SILVA Fabiane Ferreira da. Raça e gênero no corpo docente da Universidade Federal do Pampa. **Cadernos de Gênero e Diversidade**, v. 5, n. 3, jul.-set 2019, p. 30-52.

MAI / AGO 2022
ISSN 2317-9945 (ON-LINE)
ISSN 0103-6858
P. 151-167